

## 11 de Setembro/Nova Saúde Pública

A crise que se seguiu aos ataques de 11 de Setembro de 2001, sobretudo depois das notícias sobre a utilização para fins terroristas do agente do carbúnculo (vulgarmente designado por ANTHRAX) está na origem do reforço das estruturas de saúde pública que então se verificou.

A União Europeia, antes do final desse ano, deliberou criar uma unidade informal de alerta e resposta a emergências a fim de assegurar a coordenação das medidas de resposta para protecção dos cidadãos de todos os estados membros.

A delegação Portuguesa que participou nesse Conselho foi chefiada por António Correia de Campos<sup>1</sup>. Na habitual sessão de trabalho do almoço os ministros discutiram a missão e a própria designação dessa nova unidade. Health Security Committee (HSC)<sup>2</sup> foi o nome que acabaria por ser escolhido, apesar das dificuldades na tradução para a língua francesa.

Correia de Campos manifestou concordância com a necessidade em reforçar a “linha da frente” do Sistema. A sua intervenção ficou marcada por duas expressões dirigidas aos seus homólogos, bem ao seu estilo: be alert; be cool. Era verdade que a serenidade impunha-se no ambiente de pânico generalizado. Estar em alerta, igualmente. Todos temiam mais ataques e a utilização de agentes patogénicos era dada como muito provável. Para além do “pó branco” surgiram notícias da hipotética fuga de laboratório do vírus da varíola. Os cenários para eventuais surtos “catastróficos” no quadro geral de reemergência da varíola foram desenhados por epidemiologistas especializados em modelling<sup>3</sup>. Preparou-se uma lista de agentes capazes de representarem ameaças.

Na sala VIP do aeroporto de Bruxelas no dia da criação do novo Comité, os membros da delegação do Ministério da Saúde que integrava, para além de António Correia de Campos, José Pereira Miguel e o Autor, cruzaram-se, por casualidade, com o ministro da Administração Interna que regressava de uma reunião sobre o mesmo assunto no âmbito dos sistemas de informações. Em breves palavras sobre os temas em debate, o ministro Nuno Severiano Teixeira confirmou os receios dos seus pares Europeus e Americanos. Insistiu na necessidade em não se ignorar os problemas de segurança, nomeadamente no que se refere à utilização de agentes biológicos e em reforçar, nesta área, a articulação com a Saúde. Claro que não podia esclarecer a veracidade, nem os fundamentos relacionados com a ameaça representada pelo vírus da varíola.

Trabalhava-se, compreende-se, no campo das meras hipóteses. Admitia-se que o vírus poderia estar fora dos dois laboratórios de referência controlados pela Organização Mundial da Saúde (em Novosibirsk na Rússia e Atlanta nos EUA) e, portanto, a eventualidade de ser utilizado como agente bioterrorista.

---

<sup>1</sup> Com José Pereira Miguel, o Autor participou nesta reunião em Bruxelas.

<sup>2</sup> Em francês “sécurité sanitaire”.

<sup>3</sup> A construção de cenários através de estudos modelling desenvolveu-se no Reino Unido a partir de 2001 no quadro da epizootia de febre aftosa.

Como se sabe a varíola foi erradicada em 1980 através da vacina que no final do Século XVIII tinha sido descoberta por Edward Jenner. Ora, como a doença deixou de existir, as autoridades de saúde decidiram terminar os programas destinados a imunizar as populações com a respectiva vacina. Por isso, todos os cidadãos que nasceram depois da suspensão da vacinação ficaram desprotegidos, sem anticorpos protectores, para eventuais situações de reemergência da varíola.

A confiança da irreversibilidade da erradicação foi tão inabalável que, na altura, em 1980, nem se pensou que a varíola poderia voltar, mesmo sem ser imposta pela Natureza, como arma biológica.

Perante as ameaças que se seguiram a 11 Setembro, a primeira preocupação foi, naturalmente, verificar os stocks de vacina armazenados...

Francisco George

Lisboa, Fevereiro de 2011

[Publicado em [www.franciscogeorge.pt](http://www.franciscogeorge.pt)]